



*Martha Argel - Amores Perigosos*

  
Llyr  
EDITORIAL





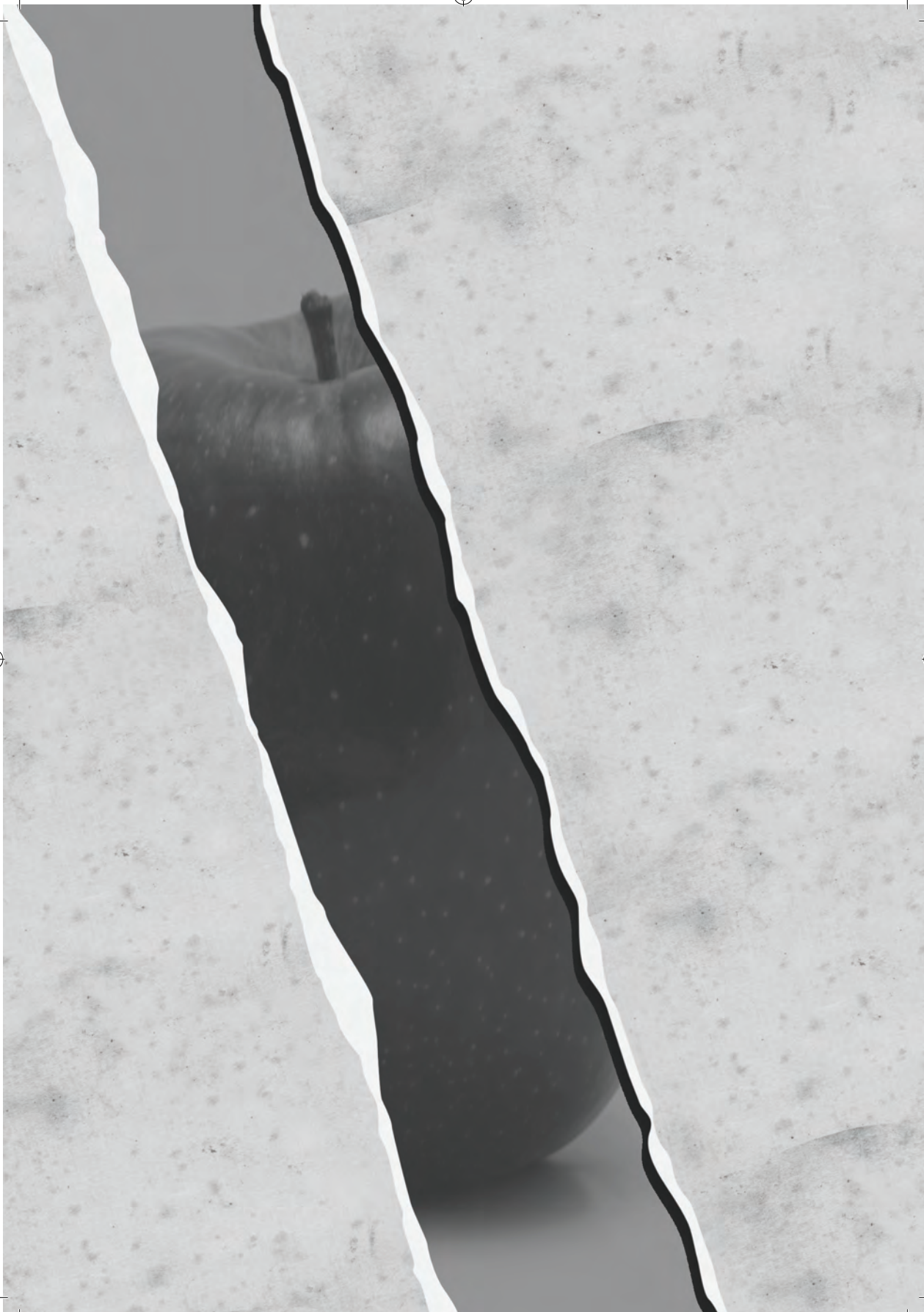


*Para Ligia Batista,  
com saudades, e  
para André Vianco*



*Capítulo III*







**O** arrepio glacial que me percorreu a espinha não tinha absolutamente nada a ver com o maravilhoso sorvete triplo de passas ao rum, pistache e chocolate que jazia semidevorado diante de mim. Também não foi o sorvete que gelou todo meu corpo e me paralisou com a colher ainda no ar, pronta para atacar uma vez mais a estupenda sobremesa.

Para dizer a verdade, de uma hora para a outra eu havia me esquecido por completo do sorvete. Até isso o medo é capaz de fazer comigo.

Vampiro.

Aquele deus grego que se movia com elegância e displicência por entre as mesas da praça de alimentação do *shopping* era um vampiro.

Não me pergunte como é que eu sabia. Resultado da convivência, acho. Fazia meses que não aparecia nenhum vampiro querendo dar uma chupadinha nas minhas veias e artérias, mas é como andar de bicicleta. Uma vez que você cria uma certa intimidade com eles, nunca mais esquece como são. Não sei bem o que era. A palidez, com certeza, mas não apenas isso. Talvez o charme irresistível que irradiava dele, talvez a forma fácil como se movia, ou sei lá. Talvez algo que inconscientemente eu fosse capaz de reconhecer depois de meus contatos tão estreitos com os vampiros.

Fosse o que fosse, tinha certeza do que ele era. Uma certeza tão grande que me deixava morta de medo.

—... e foi um absurdo, porque a revista aceitou. Tudo bem, concordo que a gente tem que dar uma força pras revistas científicas nacionais, mas elas pelo menos têm que arranjar uns revisores decentes. Imagina só, aceitar um trabalho onde o autor escreve mexer com *ch!* Nem revisar o texto no computador o cara sabe? E esse é só um detalhe, porque precisa ver os erros lógicos dele, as falhas metodológicas, e os revisores nem percebem, pode uma coisa dessas? O trabalho...

Eu adoro Carol e aquele assunto me faria fofocar por horas. Não é todo dia que um desafeto seu publica, numa prestigiada publicação científica nacional, um trabalho cheio de erros cabeludos, de todos os



tipos, tamanhos e modelos. E não é todo dia que esse tipo de coisa gera uma onda de *e-mails* indignados – com a revista, com o autor, com os revisores. A Carol estava por dentro de tudo, pois era amiga do editor e foi o ombro dela que ele escolheu para chorar as pitangas.

A gente tinha combinado se encontrar de tardezinha, depois que ela saísse da universidade, para vir ao *shopping*, fazer umas comprinhas e comer qualquer coisa caloricamente incorreta, tipo um sorvete fenomenal, que para mim combina muito bem com o frio do inverno, enquanto ela me punha a par da encrenca. Nossa agenda tinha sido cumprida ao pé da letra.

Até agora.

Vampiros não estavam no *script*.

Merda.

A Carol continuava falando, mas a voz dela era ruído de fundo. Eu só prestava atenção naquele cara alto, cabelos curtos de um castanho-claro quase loiro, corpo malhado e muito bem proporcionado, jaqueta de couro e *jeans* justos e desbotados, que prometiam delinear uma bunda perfeita... Bem que ele podia estar de costas, indo para longe de mim, e não se aproximando, mas nem sempre as coisas são como a gente quer.

Bom, pelo menos não era em mim que ele estava interessado. Em se tratando de vampiros, esse detalhe já é suficiente para me deixar feliz.

Ele vinha com um andar descansado. Quem não soubesse acharia que era apenas mais um playboyzinho em busca de uma mesa vazia.

Mas *eu* sabia. Era uma caçada. Seu olhar era predatório e estava fixo naquela moça de traços orientais sentada sozinha numa mesa, à sua frente um prato de salada e uma revista aberta, que lia enquanto mastigava devagar suas alfaces. Esguia, de pernas longas e saia curta. Um bronzado tão perfeito que só podia ter saído de uma clínica de estética, dessas bem caras. Cabelo comprido, negro e brilhante. Olhos em fenda, misteriosos. Lábios bastante desejáveis. Mãos delicadas, com dedos finos e lânguidos, unhas perfeitas de um vermelho sanguíneo. Movimentos sedutores até ao virar as páginas de uma revista. Uma mulher sabe reconhecer quando está em presença de uma criatura como essa, tão sensual que ofusca qualquer outro ser humano do sexo feminino num raio de cem metros. Sabemos reconhecer a concorrência desleal.

## Amores Perigosos

O vampiro percorria um caminho sinuoso e ao mesmo tempo decidido, aproximando-se da moça e por tabela de mim. Ela estava a duas mesas de distância de onde Carol e eu estávamos.

Meu medo crescia a cada passo que ele dava. Eu sabia muito bem do que um vampiro era capaz. Havia sentido, e mais de uma vez, na minha própria pele, o tremendo poder de sedução dessas criaturas desconcertantes e todo o perigo que vinha disso.

Na minha própria pele... Ui, isso foi literal. Infelizmente. Hum, infelizmente? Sei lá. Ok, admito, meus sentimentos com relação aos vampiros não estão nada claros, mas deixa quieto, não gosto muito de pensar nesse assunto.

O fato é que até então eu achava que tinha ficado livre deles. Ah, droga, não achava nada, estava era tentando me enganar. Claro que não era verdade. A prova estava bem defronte de meus olhos, um vampiro sarado com pinta de *top model* chegando mais e mais perto, cada vez mais, daquela verdadeira Miss Nissei Século Vinte e Um.

Droga.

Eu tinha certeza do que estava para acontecer. Ele faria algum comentário inocente, ela levantaria os olhos, talvez até tivesse tempo de avaliar o atraente material humano à sua frente. Então, o olharia nos olhos. E estaria perdida.

Talvez eu estivesse enganada. Eles podiam ser amigos. Podiam ser amantes. Pelo que sei, isso até acontece entre vampiros e humanos. Eles podiam simplesmente ter marcado um encontro ali no *shopping*, seguido de um ardente momento amoroso que incluiria uma apaixonada doação de sangue.

Algo, porém, me dizia que não era nada disso o que estava rolando. Havia perigo ali, e eu o sentia como um perfume no ar ou um ruído incômodo. O perigo fazia formigar meu couro cabeludo e punha de pé os pelinhos de minha nuca. A sensação de que eu precisava fazer alguma coisa, tomar uma atitude, era irresistível, mesmo estando apavorada com o que podia acontecer à moça e com o que podia acontecer comigo, mesmo correndo o risco de passar ridículo; se eu estivesse certa e não fizesse nada, aquela mulher poderia estar morta antes do próximo nascer do sol.

E não, eu não achava que estivesse errada.

Um plano instantâneo se formou em minha cabeça. Não era à prova de falhas. Podia dar errado e aí ia ser um desastre, mas eu tinha que tentar. Levantei-me da cadeira e Carol parou no meio de uma frase, surpreendida



com meu gesto e me olhando intrigada. Não me incomodei em explicar. Não tinha tempo. Embora ela fosse especialista nos *outros* vampiros, quer dizer os morcegos vampiros, sobre *estes* vampiros, os mortos-vivos, ela não sabia nada, e eu preferia que continuasse assim. Na verdade Carol já tinha se envolvido com eles certa vez, mas não sabia. Melhor dizendo, não se lembrava. Eles podem fazer isso: te forçam a esquecer de coisas que não é conveniente que você se lembre. Conveniente para *elas*, claro.

Imitando o jeito descontraído do vampiro e tentando disfarçar a tremedeira nas pernas, fui em direção à mesa da garota. Torcia para chegar lá antes dele.

Chegamos juntos.

Ele me lançou um olhar surpreso. A mocinha ergueu a vista e nos olhou, também surpresa, primeiro a mim, que estava bem na sua frente, depois a ele, parado à sua direita. Seu olhar se demorou mais nele. Ok, eu teria feito o mesmo.

Não dei a ele tempo para prendê-la em seu olhar. Sentei-me decidida na cadeira diante dela e o movimento inesperado desviou para mim sua atenção – *graças a Deus!* – enquanto me apressei a dizer algo, qualquer coisa, para evitar que ele tivesse chance de falar primeiro.

– Oi, lindinha, tudo bem? Você é a irmã da Selminha, não é? Nossa, você é superparecida com ela, bem que ela disse. Você pode me fazer um superfavor e dar isso aqui pra ela? Ela esqueceu no vestiário da piscina um dia desses, acho que foi na sexta passada, e eu não consegui mais me encontrar com ela... – e enquanto eu falava sem parar, sem permitir que ela ou o vampiro abrissem a boca, levei as mãos à nuca, abri o fecho da corrente que levava ao pescoço e tirei-a. Com uma mão segurei a mão dela, a palma virada para cima, e com a outra depus ali a correntinha.

Quando viu a delicada cruz dourada que pendia da corrente, o vampiro arregalou os olhos e, com um pequeno arquejo de susto, deu dois passos para trás.

Ufa, meu plano tinha funcionado! Ele era daqueles que temiam os símbolos religiosos. Não é com todos os filhos das trevas que as cruzes, a água-benta, os terços e as hóstias funcionam. Se o sujeito não tinha uma religião quando vivo, nada disso vai te proteger agora que ele está semi-morto. Semivivo. O que seja.



## *Amores Perigosos*

Olhei-o com uma raiva muda nos olhos, que dizia *não, você não vai fazer mal a ela*, e ele me devolveu uma olhada assassina antes de virar as costas e se afastar.

A moça me olhou, olhou em direção ao homem que se afastava – sim, a bunda era perfeita, e eu teria sido menos do que humana se não aproveitasse a vista – e depois me encarou como se eu fosse uma doida.

A contragosto desviei os olhos da bunda dele e olhei para a moça, enquanto suspirava de alívio e deixava meu corpo relaxar. Ela estava salva. Por enquanto.

– A senhora é maluca? – perguntou, visivelmente contrariada com a partida daquele tremendo pedaço de mau-caminho.

– Desculpa, acho que confundi você com outra pessoa – disse eu, sem dar mostras de pretender me levantar. Eu via o vampiro lá longe, quase no final do corredor, parado e olhando em nossa direção.

– Eu não tenho nenhuma irmã. E muito menos chamada Selminha.

– Desculpa. Mas me faz um favor? Fica com essa correntinha.

– Mas ela é dessa tua amiga, essa tal Selminha, que eu nem sei quem é...

– Ela não vai sentir a falta. Me faz esse favor, sim? Põe a corrente no pescoço.

– A senhora é maluca – agora não era uma pergunta.

O vampiro ainda lá, parado, vigiando a gente. Ela sentada imóvel, me olhando irritada, e irritando-se mais e mais. E eu aflita, o coração apertado e sem saber o que fazer. Raios.

Então vi de relance o que ela estava lendo na revista. O horóscopo. Hum... Ideias se atropelaram em minha cabeça. Encarei-a por alguns segundos, como se tentasse tomar uma decisão, até que falei, fingindo relutância em confessar algo difícil.

– Olha, vou dizer a verdade. Eu não confundi você com ninguém, não. Sei que você não tem uma irmã chamada Selminha e pra ser sincera eu nem conheço nenhuma Selminha. Mas é que... – fiz uma pausa, baixei os olhos para minhas mãos, pousadas sobre a mesa, fingindo estar constrangida, e depois a olhei de novo. – Bom, talvez você não acredite, mas eu sou... sensitiva... e quando vi você agora há pouco senti uma vibração muito forte e muito ruim, e tive uma premonição de que se você não usasse uma cruz hoje, algo muito ruim ia acontecer. Por isso vim te dar a minha cruz,



Martha Argel

pra te proteger contra esse espírito ruim que tá te rondando. Essas coisas me acontecem, ver os espíritos que rondam as pessoas, e eu *sei* que se não fizer o que eu *sei* que tenho que fazer as pessoas vão sofrer, e não posso deixar que isso aconteça. É por isso que eu insisto que você use essa cruz. Faz isso? Por você e por mim? Por favor?

Os olhos dela estavam arregalados, o queixo caído. Prendi a respiração por um momento. Que se passava pela cabeça dela? Será que tinha engolido essa minha história ridícula? Ou será que eu apenas tinha confirmado a impressão inicial dela, de que era uma doida varrida?

Eu a olhava com olhos suplicantes, pronta para continuar insistindo, quando ela, ainda de olhos arregalados e queixo caído, ergueu as mãos e colocou a correntinha no pescoço. Soltei a respiração e pela segunda vez em poucos minutos pensei *graças a Deus!*

– E o que... ia me acontecer? – perguntou ela, num sussurro assustado, debruçando-se para diante, mais perto de mim.

Ah, ela estava mesmo levando a coisa a sério, não? Ufa.

Depois de dar mais uma rápida olhada por cima do ombro dela, tranquilizando-me ao constatar que o vampiro não estava mais à vista, fiz o que esperava que fosse uma cara de sensitiva e também me inclinei para a frente, com ar de quem ia contar um segredo importante.

– Um homem... – disse-lhe num tom grave e misterioso, dando uma olhada significativa na direção por onde o vampiro havia ido embora. – Trazendo infelicidade para sua vida.

Ela tornou a arregalar os olhos e olhou assustada por cima do ombro. De repente, me senti vulnerável sem minha cruz e comecei a desejar dar o fora dali o mais rápido que pudesse. Era bom encurtar aquela história.

Ela se voltou para mim de novo.

– Você acha que... era ele? Que... era esse cara?

Concordei com a cabeça, devagar.

– Usa a cruz. Ela vai te proteger – levantei-me e me afastei de volta à mesa onde Carol me olhava com uma ruga de estranheza no cenho.

– Obrigada – ouvi atrás de mim a voz da japonesinha bonita.

Nem respondi. Agora tinha outro problema espinhoso – enfrentar minha amiga e ao mesmo tempo convencer meu corpo a parar de tremer. A descarga de adrenalina tinha sido braba.



## Amores Perigosos

– Maria Clara Baumgarten, que bicho te mordeu? – perguntou Carol, intrigada, enquanto eu me sentava.

– Hein? – João-sem-braço, sempre a melhor estratégia em caso de dúvida.

– Quem é aquela moça? E por que você deu sua corrente pra ela? E o cara que tava com ela, porque ele foi embora tão furioso quando você apareceu?

– Cara? Que cara? Aquela moça eu conheci outro dia no Ibirapuera. Carol, lembrei que tenho que entregar um trabalhinho ainda hoje, vambora?

– Peraí, dona Clara, a senhora tá desconversando. Por que é que você tinha que tirar a corrente do pescoço e dar pra ela?

Droga, estava ficando difícil. Eu tinha que inventar alguma coisa.

– Olha, Carol, eu não ia te contar, mas outro dia fui numa adivinha e ela falou que eu tinha que dar uma cruz de ouro pra alguém que não conhecesse, que isso ia resolver um certo problema. É um tipo de simpatia, e não me pergunta mais nada porque se eu contar não vai dar certo.

Aquilo não ia colar. Carol sabia que eu jamais iria numa adivinha. Eu não acredito em nada disso, simpatia, búzios, tarô, cartomante ou *I-ching*. Ela me encarou numa pergunta muda e continuou enquanto eu a encarava de volta. Ficamos as duas olhando uma para a cara da outra. Tudo bem, tá a fim de descobrir quem é mais teimosa? Perfeito, eu topo, sem problema.

Daí a pouco ela desistiu, com um suspiro derrotado.

– Clara, você é impossível, tem horas que faz umas coisas que não dá pra entender.

– Vambora? – insisti, ansiosa.

Fomos. Quando passei pela mesa da moça *nissei*, ela fez tchauzinho para mim, e respondi erguendo a mão e agitando os dedos no ar.

Ainda me incomodava ficar sem uma cruz. Eu me sentia desprotegida. Queria cair fora o quanto antes, mas para minha amiga Carol, se tem duas palavras que jamais combinam são *pressa* e *compras*. Ela me fez entrar numa loja de sabonetes artesanais, onde pagou uma fortuna por dois pedaços feios de sabão verde, que serviam para relaxar, tirar a tensão e vai saber que outros milagres mais. Depois em uma loja de lingerie, para comprar um sutiã todo cheio de história – levanta daqui, modela dali, dá

sustentação não sei onde... – que teria me custado o equivalente a dois dias de trabalho de sol a sol. E então numa loja de artigos esportivos, para ver aquela mochila de ataque importada, *simplesmente de-mais!* Essa é minha amiga Ana Carolina Salvetti: de completa perua a Indiana Jones em questão de segundos, sem transição.

O tempo todo, enquanto zanzávamos de loja em loja, eu estava numa agonia do caramba, os olhos vasculhando corredores e lojas, examinando, procurando. E se topasse com ele? Virgem Santíssima, como adoraria ter de volta a minha cruz!

Já íamos rumo ao elevador que nos levaria ao estacionamento, para pegar meu carro, quando encontrei uma loja que me interessou.

– Vem, Carol, vamos dar uma olhada aqui.

– Aqui?! Clara, você tá passando bem? Primeiro vai numa adivinha. Agora me convida pra entrar numa loja esotérica? Juro que não tô te reconhecendo!

A única cruz que eles tinham era um *ankh*, a cruz egípcia, feito de um material prateado fosco e recoberto com arabescos que quase com certeza não significavam nada. Vai saber se ia funcionar, mas era aquilo ou nada.

– Moça, vou levar esta.

De repente me ocorreu uma ideia assustadora. Será que o vampiro tinha prestado atenção na Carol?

– Moça, mudei de ideia, vou levar duas.

– Pra que duas, Clara? – estranhou Carol.

– Não, não precisa embrulhar, a gente já vai usando – peguei uma e me virei para passar a corrente pela cabeça de Carol e pendurar-lhe a cruz ao pescoço. – Essa aqui te dou de presente. Não é linda?

Não era, mas também não era um horror. Carol pegou a cruz e examinou por um instante. Não estava muito convencida. Devia estar imaginando como é que eu tinha ficado tão maluca assim de uma hora para a outra.

Coloquei a minha no pescoço e paguei pelas duas um preço que, sob outras circunstâncias, me teria feito cair dura de espanto. Então arrastei minha amiga para fora da loja.

Para dar de cara com o vampiro bonitão, parado na porta à nossa espera.

## Amores Perigosos

Jesus amado, que susto!

Ao menos a cruz funcionou. Ele fez uma careta, recuou e ficou me olhando. E olhando também a beleza morena de minha amiga, putaqueopariu.

– Eu não gostei nada daquilo, sabe? – o tom dele era quase normal. Quase, e isso era suficiente para me apavorar.

– É, eu sei. Eu também não estava gostando nada do que você tinha intenção de fazer – palavras valentes, e minha voz nem tremeu quando eu disse isso. Em compensação, meus joelhos pareciam feitos de gelatina.

Ele me olhou, desconfiado.

– E como é que você sabia das minhas intenções?

– Eu tenho experiência com... – uma pausa brevíssima, que ele não ia deixar de notar –... *gente*... como você.

Aquilo pareceu surpreendê-lo. Ele esquadrinhou meu rosto com atenção por um momento.

– Gente... como eu – repetiu, certificando-se de ter ouvido bem.

– Sim – num ato deliberado, levei a mão até a cruz e a toquei. Os olhos dele acompanharam o movimento, captando o significado.

– Você não está jogando verde, não é?

– Não.

– E sabe o risco que está correndo, não sabe?

– Sei, sim, e muito bem. Mas nem por isso vou ficar quietinha assistindo algo como o que você ia fazer.

Carol me olhava incomodada. Eu a via com o rabo de olho. Ela queria uma explicação, eu sabia. Mas não tinha tempo para ela agora. Minha atenção estava no vampiro. Eu sabia que estava me metendo numa encrenca.

Ele chacoalhou lentamente a cabeça, num gesto desconsolado.

– Mulher, não sei se você é muito corajosa ou muito burra.

Aquilo foi a gota d'água para Carol.

– Clara, pelo amor de Deus, que é isso? E quem é esse cara pra dizer semelhante desaforo? – exclamou ela, impaciente e irritada.

Os olhos do vampiro se estreitaram e seu corpo se retesou. De repente ele ficou na defensiva.



*Martha Argel*

– Clara? Você é a Clara que é... hã... – ele hesitou, como se procurasse a palavra certa –... a... amiga da Lucila?

Dessa vez quem se surpreendeu fui eu. Lucila era minha amiga vampira. Ou havia sido, pois fazia quase três meses que a gente não se via. Então ela tinha falado de mim para outros vampiros? A troco de quê, me perguntei.

– Sou, sim, a amiga da Lucila – confirmei, a intuição me dizendo que mal não faria, muito pelo contrário.

E a intuição estava certa. Embora ainda mantivesse um ar francamente hostil, ele perdeu um pouco da pose de galo dono do terreiro.

– E ela sabe que a... amiguinha... dela anda por aí atrapalhando a... vida... dos outros?

– O que eu faço ou deixo de fazer só é da minha conta, a Lucila não tem nada que dar palpite.

Ele deu uma risadinha inesperada. Nenhum sinal de presas. Retrâteis como as unhas dos gatos, elas só aparecem quando o vampiro está furioso ou com fome. Eu preferia nunca ter a oportunidade de ver as deste sujeito.

– Ora, ora, parece que afinal sua experiência com... gente como eu não é tão grande assim – ele ficou sério de repente. – Escute o conselho que lhe dou, Clara. Pare de se meter onde não é chamada, porque senão nem a proteção da Lucila vai ser suficiente pra salvar a tua pele.

Então ele virou as costas e se foi. Eu estava tão nervosa que nem me ocorreu apreciar a bunda que se afastava. Fechei os olhos e inspirei fundo, soltando o ar devagar.

– Clara... – chamou Carol numa voz cautelosa e lenta.

Olhei para ela.

– O que tá acontecendo? – continuou ela no mesmo tom. – Que papo esquisito foi esse? Como é que esse cara sabia que você é amiga da Lucila? E que história é essa dela te proteger?

Ai, como desejei, naquele instante, ter o poder de sugestão que os vampiros têm, aquela capacidade de fazer você acreditar no que quiserem, e de fazer o que mandarem. Mas não tinha. O que podia dizer para minha amiga?

– Carol... me dá um tempo, tá?

## *Amores Perigosos*

Bom, foi o melhor que consegui pensar na hora. Carol ficou meio puta comigo, e meio puta ficou até que nos despedimos quando a deixei na casa dela.

Dane-se. Melhor uma amiga meio puta que uma amiga metida até o pescoço em assuntos de vampiros.

Era quase dez da noite quando cheguei em casa. Entrei sem acender a luz, para aproveitar a deslumbrante paisagem noturna que se via pelo janelão de parede inteira da sala do apartamento. Décimo oitavo andar na avenida Paulista. A vista que tinha do centro e da zona leste era sensacional.

Fazia uns quinze dias que eu estava morando ali, desde que voltara da Alemanha, meu refúgio por dois meses após os eventos mais terríveis que já aconteceram em minha vida e que fizeram com que eu perdesse meu namorado, minha amiga, minha inocência e minha poltrona favorita. Culpa deles, claro. Os mortos-vivos. Os filhos das trevas. Os vampiros. De tudo que perdi, só consegui de volta a poltrona. Não a mesma, mas uma irmã gêmea: uma coisa cheia de curvas, com pés-palito, bem década de cinquenta. A antiga tinha sido verde-musgo; a atual era preta.

Foi nela que me acomodei, depois de tomar um banho quentinho e gostoso que afastou o frio do inverno paulistano. Bebericando uma caneca de chá de camomila e ouvindo uma música maravilhosa, olhava as luzes da cidade. A música era meu adorador concerto para oboé em ré menor, de Albinoni.

Queria esquecer o que havia acontecido no *shopping center*, esquecer o tremor que persistia nos meus joelhos, o temor que persistia no meu coração e o medo que fazia minha cabeça doer.

Eu não tinha a menor dúvida. A coisa não ia parar por ali. Os vampiros estavam de volta à minha vida.